

Cheiro de lona queimada

Aos descrentes de que o presidente Fernando Henrique Cardoso seja mesmo capaz de mudar seu jeito de ser para atender às premências da campanha eleitoral, o senador Jáder Barbalho conta a seguinte história: "O elefante de circo é condicionado desde pequeno, com uma argola no pé, a se movimentar apenas dentro dos limites impostos pelo treinador. E assim ele fica até o dia em que o circo começa a pegar fogo e o elefante, sentindo o cheiro da lona queimada, arranja forças que não parecia possuir e sai vigoroso em busca da salvação."

Desnecessário explicitar ao arguto leitor quem seria o elefante e a que circo refere-se o senador na adaptação da parábola à situação do governo nesses dias de surpresas e incertezas quanto ao seu destino nessa campanha. Integrante do grupo de conselheiros políticos que trabalha hoje na montagem da estratégia para estancar a sangria na popularidade do presidente, Jáder aposta que, entre sua história de homem contemporizador e intelectualizado e a necessidade de mudar para não perder, Fernando Henrique ficará com a segunda opção.

Não porque prefira assim, mas porque não tem outra saída.

"O que está em jogo não é apenas um projeto de poder, mas um projeto de país, e a única pessoa capaz de dar a ordem unida para que o governo inteiro estabeleça um firme compromisso com a vitória é o presidente."

Disputando eleições desde 1966, boa parte delas na oposição ao regime militar, o senador acha que chegou o momento de o governo inteiro – incluindo principalmente seus integrantes menos afeitos às circunstâncias da política (nem sempre agradáveis ou bem-educadas) – enxergar com clareza que a possibilidade de perder é ainda remota, mas pela primeira vez mostra-se concreta. "Portanto, a prioridade hoje não pode ser outra a não ser a de ganhar a eleição."

E para atingir esse objetivo é que Jáder, líder do PMDB no Senado, acha que urge a tomada de algumas providências: "O presidente tem que partir para a ofensiva e bater forte na oposição, não jogar na retranca, mostrar ação, circular, fazer viagens surpresa, dar uma ordem unida ao governo determinando investimentos na construção civil, cujos resultados aparecem em 15 dias, autorizando a abertura e desburocratização de créditos à gente comum pelo Banco do Brasil e, principalmente, organizar com firmeza o comportamento dos aliados nos estados."

"O poder não comporta crises existenciais nem se ganha eleição com gentilezas."

Jáder Barbalho

Com relação a esse último item, Jáder assegura que no PMDB ele garante a unidade, assim como Paulo Maluf no PPB e Antônio Carlos Magalhães no PFL. Mas, no PSDB, a função que era de Sérgio Motta não pode ser assumida por outra pessoa que não o presidente da República.

Ele acha, por exemplo, que José Sarney só está mantendo acesa a chama da possibilidade de sua candidatura à Presidência porque, no Maranhão, os tucanos querem ficar com Epitácio Cafeteira, adversário de Sarney. Ressalva que não pretende se intrometer na vida de outros partidos, mas considera no mínimo "estranho" que no Ceará um tucano da estatura de Tasso Jereissati permita que o partido se coligue com o PPS de Ciro Gomes, "um homem que não faz outra coisa a não ser atacar duramente o Fernando Henrique".

Ou ainda que, em Brasília, o líder do governo no Congresso, senador José Roberto Arruda, se candidate em aliança com a esquerda para atrapalhar Joaquim Roriz, do PMDB. Há ainda o caso de Alagoas, em que o senador Teotônio Vilela Filho, presidente do PSDB, está entrando, na visão do senador, numa candidatura "suicida".

Nesse aspecto, ele considera que o governador do Rio, Marcello Alencar, agiu corretamente. "Vislumbrou a derrota, escapou de um desgaste pessoal e ainda evitou carregar o presidente junto. Marcello agiu com lealdade e compromisso."

"Poder é também disciplina", defende Jáder, "e se fosse eu chamava esse pessoal e mandava parar de brincadeira, pois o que está em risco é o projeto nacional." Sem dizer não e enfrentar de frente os conflitos, o senador acha que não será possível fazer com que os aliados se comprometam verdadeiramente com a vitória.

"O poder não comporta crises existenciais, é preciso ter coragem para descontentar os amigos. Não há o menor cabimento em perder uma eleição por causa de gentilezas. É preciso abrir mão delas, interna e externamente."

E quando fala "externamente", Jáder refere-se diretamente ao tratamento com relação ao adversário principal, Luiz Inácio Lula da Silva. "Temos de partir para cima, mostrar que Lula é inexperiente não tem a menor condição de governar este país e perguntar claramente às pessoas se querem explodir com tudo. Se quiserem, está certo, fiquem com Lula."

Mas, nesse caso, a campanha não poderia resvalar para um clima pouco civilizado?

"E daí, vamos perder por causa disso? Não estou propondo baixarias nem ataques pessoais, mas apenas uma ofensiva mais firme no sentido de dizer as coisas exatamente como elas são."

Todo esse raciocínio faz parte das conversas que estão acontecendo dentro do governo, com o presidente, ministros e o esquema de comunicação que será responsável pelo marketing da campanha. E, pelo discurso dos integrantes do conselho nos últimos dias – note-se que Antônio Carlos Magalhães já fez a advertência de que Lula será o "caos" –, idéias já estão sendo postas em prática.